

# Opinião

FHC

JORNAL DO BRASIL

## Baionetas e tratores

WILSON FIGUEIREDO

Quando trocou tiros com os sem-terra em praça pública, o presidente Fernando Henrique retirou do esquecimento as baionetas sem se lembrar da observação atribuída a Napoleão, segundo a qual a única coisa que não se pode fazer com elas é sentar-se em cima. Com o barulho das baionetas, a oposição despertou da sua letargia cívica sem entender direito o que se passava, e investiu estremunhada contra o presidente, sob suspeita de citação imprópria.

Com a abonação de Tenório d'Albuquerque, em seu *Dicionário de citações*, Paulo Rónai registra como de autoria de Emílio Castelar (1832-1899) a citação retirada de discurso pronunciado nas Cortes. Napoleão entendia do riscado e, além da intimidade com baionetas, ao vencedor é lícito assumir autoria de frases alheias por uma velha lei não escrita que revoga as disposições em contrário. Napoleão era bom de guerra e de frases.

“Sempre se viu que para tudo servem as baionetas, menos para sentar-se em cima delas, sentenciou Castelar dia 9 de novembro de 1870. Aquela altura Napoleão já estava morto havia muito tempo e não podia disputar a autoria da frase que deu a volta ao mundo. Se não era dele, a observação útil perdeu excelente paternidade. Para enfrentar em igualdade de condições o presidente Fernando Henrique a caminho do repeteco, melhor faria a oposição se desembainhasse a erudição e se aliasse à ironia como armas de combate.

De sua parte, Fernando Henrique distraiu-se. Onde já se viu falar de baionetas sem citar Napoleão? Podia esnobar os seus críticos apadrinhando a autoria do próprio Emílio Castelar. Nem se coçou. Não é, aliás, questão de direito autoral, nem para resolver com baionetas. Perdeu-se por omissão oposi-

cionista uma polêmica sensacional entre o governo e a esquerda, como preliminar da sucessão presidencial. Não pode o presidente fazer tudo com a reeleição, mas pode sentar-se em cima e sofismar à vontade enquanto espera o adversário de que precisa com urgência. Mas a oposição sonega candidato.

O vencedor (FH ou Napoleão) escreve e reescreve a História como lhe convém e à oposição sobra apenas o direito de apartear. Nem isso fez a oposição atual. Por sua vez o presidente perdeu a oportunidade de produzir reflexão para uso próprio sobre a inoportunidade de trazer baionetas à discussão sem a disposição de utilizá-las. Presidente e opositores nivelaram-se por baixo. É no que dá fazer política a contragosto: mau humor e oposição não combinam (mau humor e governo também não).

Que custava, por exemplo, os feridos em seus brios pela alusão a baionetas lembrarem que pouco pode o presidente fazer com um trator, exceto sentar em cima dele para tirar fotografia? Deveriam tê-lo convidado a tomar assento no trator para foto como peça da campanha.

Trator pode remover montanhas mas não faz política, e muito menos reforma constitucional. Por pretender com um trator abrir caminho na Constituição, Fernando Henrique empacou no meio do mandato. Admite-se que, montado em verbas para abrir estradas e construir barragens, homem e máquina se ajudem. Mas dar tratamento de trator a um ministro é desrespeito ao eleitor (exceto se for deputado que vende o seu voto). O presidente deve ter aprendido que se pode fazer muito com um trator — inclusive utilizá-lo em pastiche da frase de Napoleão — mas não se pode fazer tudo. O mais aconselhável é sentar-se nele e dirigi-lo com cuidado para não atropelar as razões contrárias.

Se Fernando Henrique tem necessidade de identificar um inimigo (adversário é pouco) para contar desde já com referência irremovível na sucessão, seria melhor procurá-lo fora da oposição que não parece dotada de valores com tutano cívico. Talvez fosse mais produtivo — e de certo modo mais neoliberal — economizar tempo indo direto à ninhada socialdemocrata que é um celeiro para suprir carências.

Na verdade, o argumento de armar (retoricamente) baioneta contra a oposição de rua, nem com uma pitada de humor valeria a pena. Não se brinca com arma de fogo nem com arma branca. Baionetas são carregadas de sentido histórico e só devem ser utilizadas na prática, nunca como argumento. Merecem respeito.

Seja como for, o presidente continua à procura de competidor disposto a perder para ele por honra da firma. O ideal seria Paulo Maluf, mas as pesquisas o localizam entre aqueles cuja taxa de rejeição é superior às possibilidades. Só deve mesmo pintar competidor quando as pesquisas começarem a insinuar, com a indiscrição que a ciência autoriza, que FH deixou de ser o favorito absoluto. Ficando relativo, aparece. Os pretendentes estão de orelha em pé. Desde que caiu do muro (de Berlim), a esquerda não serve mais para fazer medo aos que eram hospedeiros dele.

No pé em que ficou o episódio das baionetas, uma hora dessas uma garganta áulica se lembrará de propor a ereção de uma estátua do presidente com os olhos no infinito tendo na mão esquerda uma baioneta calada no fuzil. Calar baioneta não é calar a insatisfação. A baioneta nasceu em Bayonne e não perdeu o sotaque francês, que Fernando Henrique maneja melhor que a própria.